

100 CARTAS A FERREIRA DE CASTRO, selecção, apresentação e notas por Ricardo António Alves, Sintra, Câmara Municipal de Sintra – Gabinete de Estudos Históricos e Documentais – Museu Ferreira de Castro, 1992.

A atenção dispensada em Portugal às cartas, aos diários e às memórias dos escritores é hoje bem diversa da que, em 1934, Casais Monteiro amargamente lamentava no intróito da sua edição das *Cartas Inéditas de António Nobre*. Com efeito, a situação evoluiu favoravelmente, ao nível da recolha, tratamento e publicação, como ao nível do estudo interpretativo ou da reflexão teórica, ainda que a falta de sistematicidade seja evidente e se privilegie com frequência a correspondência activa, a menos que do outro lado esteja também um vulto importante.

E, no entanto, pelo menos em princípio, a correspondência passiva pode ter grande interesse, seja pelas informações que nos dá sobre as relações do escritor, seja pelo que nos diz sobre a recepção da obra, a projecção literária e cívica do autor, a influência que exerceu (ou sofreu) sobre outros companheiros.

É precisamente o que acontece com estas *100 Cartas a Ferreira de Castro*, trabalho desde logo importante por colocar novamente na ordem do dia um escritor que, embora continue a merecer o favor do público — e até de alguma investigação universitária, como se vê pelo trabalho recente de Bernard Emery¹ —, tem recebido nos últimos anos pouca atenção da crítica. Mas o interesse desta publicação ultrapassa largamente esse efeito, o que se fica a dever sobretudo ao escrupuloso trabalho desenvolvido por Ricardo António Alves, investigador e director da Casa-Museu Ferreira de Castro.

Graças ao critério seguido na selecção e ordenação das cartas, obteve-se a cobertura de um período de cerca de cinquenta anos — de 1922 a 1971 —, o que nos permite acompanhar as principais etapas de uma carreira construída a pulso, e em particular os seus momentos mais altos: a publicação de obras como *Emigrantes*, *A Selva*, *Terra Fria* ou *A Lã e a Neve*; os prémios Ricardo Malheiro e Águia de Ouro; as traduções; a candidatura ao Nobel, em conjunto com Jorge Amado; o reconhecimento da postura civicamente responsável que o autor sempre manteve. Por outro lado, o conjunto do material publicado no volume em apreço acaba por nos dar também um testemunho importante sobre a vida portuguesa no período histórico considerado, tanto pelo número — 55 —, como pela diversidade das personalidades cujas cartas foram

¹ EMERY, Bernard — *L' Humanisme Luso-tropical selon José Maria Ferreira de Castro*, Grenoble, Ed. Ellug, 1992.

antologiadadas, o que assegura a representação de quase todos os sectores literários, culturais, políticos, numa prova clara da amplitude das relações mantidas por Ferreira de Castro.

O facto de boa parte desses interlocutores estar hoje esquecida não retira qualquer interesse à obra, nem dificulta sequer a sua leitura. E isto porque Ricardo Alves apresenta cada um deles por intermédio de uma breve nota biobibliográfica, ao mesmo tempo que esclarece todas as referências menos claras com notas de rodapé muito precisas, reveladoras de um conhecimento seguro e actualizado da vida e da obra de Ferreira de Castro, bem como do período histórico por ela coberto. Por vezes, o propósito algo imediato de uma nota é claramente ultrapassado. É o caso, por exemplo, da longa nota que procura provar o carácter precursor de Ferreira de Castro relativamente ao neo-realismo, da que é consagrada ao apoio dado pelo autor à candidatura de Nórton de Matos à presidência da República, ou ainda da que dá conta da ligação entre ele e Jorge Amado —, qualquer uma delas um pequeno ensaio que, para além de sintetizar a bibliografia sobre o tema, traz quase sempre dados novos. Se as cartas reunidas não constituíssem motivo suficiente de interesse, a obra continuaria a merecer leitura atenta devido a algumas das notas que inclui.

Apesar do que ficou dito, o valor das cartas — individualmente considerado — não é, de uma forma geral, muito notório. Basta de resto notar que cerca de um quarto delas tem como motivo primeiro o agradecimento de uma obra de Ferreira de Castro acabada de receber, o que leva o correspondente a emitir um breve juízo crítico elogioso, o qual — dependendo da pessoa em causa — pode ser mais ou menos circunstancial, mais ou menos profundo. Noutro grupo considerável de cartas, trata-se de solicitar o envio de uma ou outra obra, acompanhada de dedicatória, ou de pedir colaboração literária ou uma opinião sobre determinado trabalho do remetente, que por vezes acompanha a missiva. Mesmo assim, e ainda sob o ponto de vista considerado, há cartas de grande interesse, como aquela em que Eugénio de Andrade — em 1946 — fala da época da sua vida em que leu algumas das obras principais de Ferreira de Castro, concluindo pela excepionalidade do autor de *A Selva*:

«Durante esses anos aprendi também que, apesar da desgraça comum, nem todos os homens tinham boa vontade, dignidade e compreensão. E mais — que grande parte dos Artistas tinham em si uma secura, uma desumanidade e um desenraizamento tal, que fariam estremecer as pedras, se os seus dedos as tocassem» (p. 65).

É também o caso de uma carta — datada de 1956 — de Lygia Fagundes Telles, em que a ficcionista brasileira, recordando o exame vestibular para a Faculdade de Direito realizado quinze anos atrás, fala do entusiasmo com que acolheu o tema «Escritores modernos portugueses» e como aí incluiu, ao lado de Miguel Torga, Ferreira de Castro.

É o caso ainda das cartas de Maria Lamas, tocantes pela amizade e pela sensibilidade reveladas, quase sempre relativas a momentos difíceis (vividos no Forte de Caxias ou numa espécie de exílios internos, passados no Funchal ou em Évora). Em

rigor, são as únicas que revelam em profundidade um eu e potenciam uma comunicação que vai muito além do circunstancial e do imediato. A título exemplificativo, veja-se esta passagem de uma carta de 1949:

«Não calcula quanto me comoveu a realização de mais esta etapa [Pequenos Mundos] da sua obra de escritor. Digo comoveu porque, a cada novo triunfo seu, eu evoco sempre o caminho percorrido por si, a força sobre-humana que o impeliu através de tanta amargura íntima, inquietação e anseios impossíveis de realizar. Evoco os sonhos que mal se atrevia a dizer alto, o fundo humaníssimo de ternura e piedade que sempre o levou a debruçar-se sobre o sofrimento dos outros homens. Agora, atingida a glória, a projecção universal — eu sei! — a mesma inquietação, a mesma amargura, os mesmos anseios impossíveis o fazem sofrer. Compreendo-o e adivinho-o! Por isso, ao sentir, muito mais do que se fosse meu, o seu extraordinário triunfo, alguma coisa em mim vibra carinhosamente, num impluso de indizível solidariedade, perante o que há de maravilhoso e trágico no seu destino! E desejaria, sem a mim própria explicar porquê, poder embalar a sua alma como se fosse uma criancinha, e dar-lhe alegria simples, qualquer coisa que pudesse ser doce, muito doce, à sua sensibilidade.

«Romantismo? Nem me interessa saber.

«Entrego-me sem inibições ao bem de me sentir sua Amiga acima de tudo quanto constitui o critério, a lógica e as conclusões dogmáticas deste mundo onde não cabem espíritos como o seu e corações como o Meu» (p. 103).

Para além destas, há outras peças com motivos em que também vale a pena atentar, ainda que a um outro nível: há cartas modelares pela concisão, pelo artifício convencional, pela indignação e até pela fórmula de abertura (como o «Querido e grande Ferreira de Castro», de João de Barros) ou de fechamento (como «Envio-lhe um abraço, dos que são maiores que os braços — longos e leais como a verdadeira amizade», de Joaquim Manso).

Mas a obra, como ficou dito, vale sobretudo pelo todo e pelo trabalho seguro do editor. Aguardemos os próximos resultados do trabalho de revelação de Ferreira de Castro.

Francisco Topa